The clash

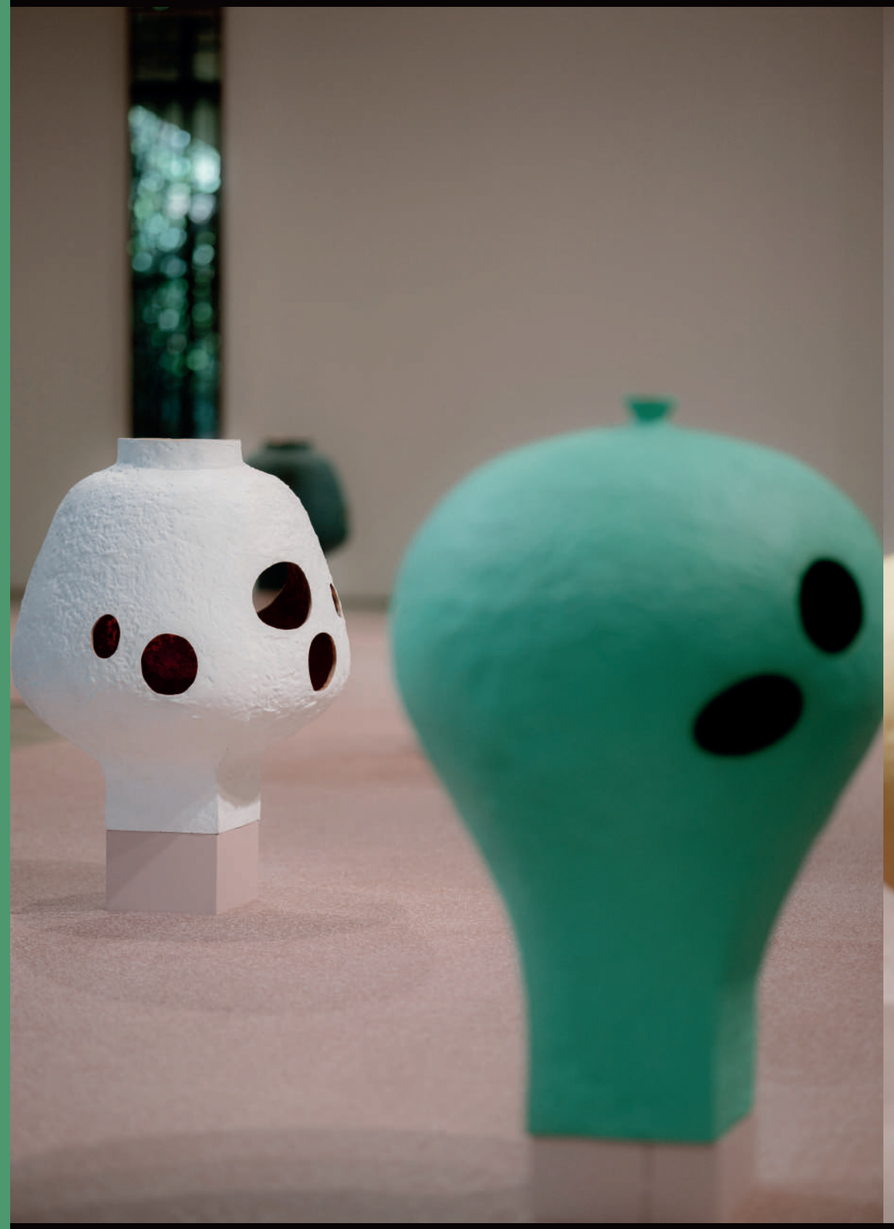
Em seu percurso profissional, Kris Van Assche leva o atrito entre o novo e o tradicional tanto a desenhos de moda quanto a peças de design colecionável.

por Renata Brosina

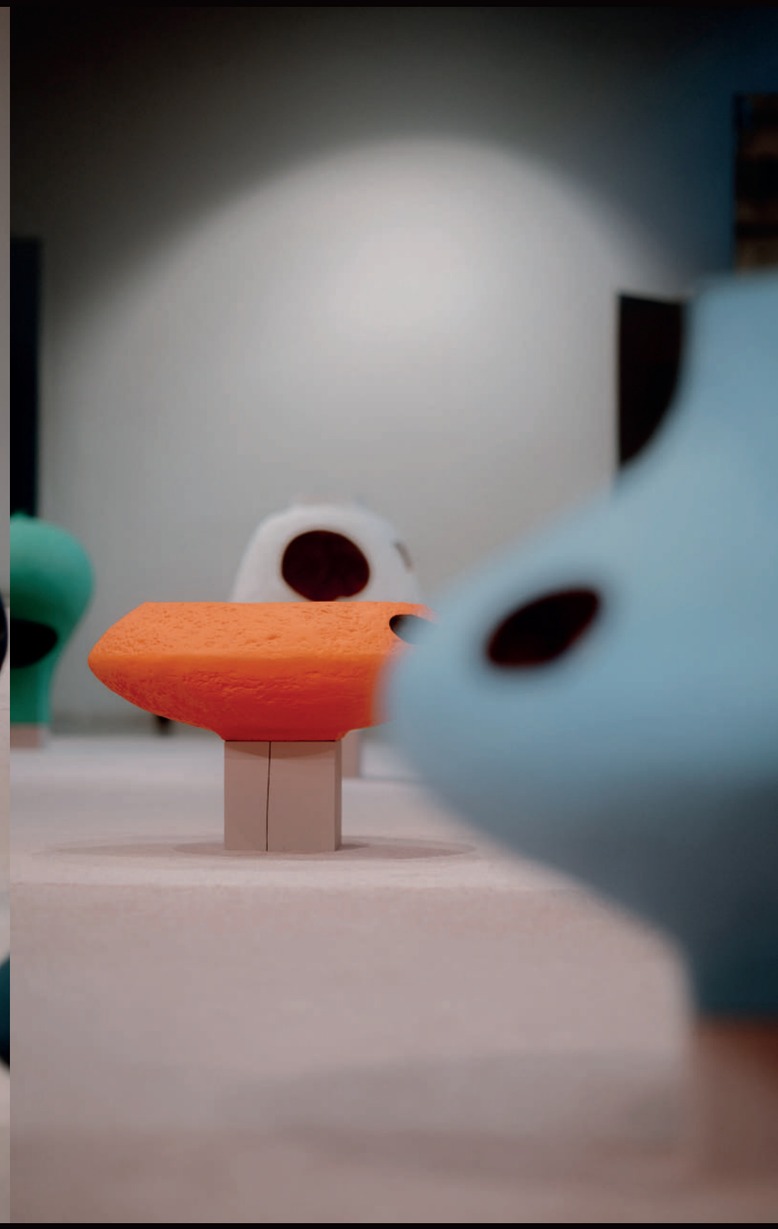
Fotos: Alasdair McLellan.



O espírito *mod* da Fred Perry ganha nova leitura na coleção-cápsula de KRIS VAN ASSCHE para a marca britânica.







Fotos: @dfphoto

Os vasos de bronze da coleção Nectar Vessels Bronzes, apresentados durante a Milan Design Week 2026.

DESIGNER – KRIS VAN ASSCHE

Na história de Kris Van Assche, o próximo capítulo é sempre o mais instigante. Nascido na pequena cidade de Londerzeel, na Bélgica, o diretor criativo atuou por uma década na Dior Homme, conduzindo os ritos de passagem de jovens de moletom para homens de terno – para, em seguida, voltar a fazê-los usar o streetwear. O *clash* de referências opostas, reativando o que parecia esquecido no passado, atravessa suas criações de moda, assim como as de design, atividade que se propôs a fazer por volta de 2024, quando usou o bronze, um material tradicional, para dar forma contemporânea a vasos esculturais. As peças foram apresentadas em Paris em 2025, na exposição da série Nectar Vessels Bronzes, na Laffanour Galerie Downtown, e na Fondazione Sozzani, em Milão, durante o Salone del Mobile, em abril deste ano.

Mas e as roupas? "Acho curioso como as pessoas sempre querem colocar os outros em caixas: ou é moda, ou é design. Pretendo fazer os dois", responde o belga. De fato, pouco tempo depois da nossa conversa, ele anunciou a reativação da marca que leva seu nome, encerrada em 2015. Em seu perfil no Instagram, mostrou o logo – uma flor – e a foto de um vestido rosa. "O desejo de trabalhar com moda feminina nunca desapareceu. Agora parece ser o momento de unir as duas coisas. Nesse sentido, trata-se tanto de um retorno quanto de um começo", escreveu na legenda. Antes do anúncio, o designer vinha assinando projetos de moda para a Antazero, linha sustentável da marca de esporte Anta; para a Fred Perry, tradicional grife britânica; assim como itens de design para a casa a convite da Serax, marca belga de homewear.

Adolescente, Van Assche já preferia calças de alfaiataria com pregas, feitas pela avó Joséphine, ao jeans. "Quando criança, eu não refletia muito sobre roupas, mas graças a ela compreendi que podia influenciar a maneira como me apresentava ao mundo", conta. Essa herança estética permaneceu com o jovem estudante de vestuário feminino da prestigiada Royal Academy of Fine Arts, na Antuérpia, de onde, nos anos 1990, saíam criadores ávidos por criar o futuro da moda sem olhar para trás. Mais tarde, em Paris, o belga conheceria seu futuro mentor, Hedi Slimane, trabalhando na linha masculina Rive Gauche da Yves Saint Laurent, com quem seguiria para a Dior Homme nos anos 2000. Uma década depois, deixava seu repertório evidente na passarela, suturando moletons a paletós e camisas, levando lãs típicas da alfaiataria às calças de treino. Para a Dior Homme, grife de códigos formais, propôs uma visão urbana e esportiva, com espaço para versões masculinas do feminino e icônico Tailleur Bar.

O desafio seguinte foi na Berluti, casa especializada em couro com posicionamento de alto luxo. Interessado na técnica não convencional da cerâmica, convidou o ceramista Brian Rochefort para colaborar no prêt-à-porter. Transferiu para os sapatos da *maison* o aspecto da pátina – mais uma vez, ressignificando as tradições. Na entrevista a seguir, Kris Van Assche compartilha suas visões sobre design, olha brevemente para o retrovisor e analisa sua carreira e a busca por ser constantemente desafiado.

Renata Brosina: Trabalhando com moda, como o design cruzou o seu caminho?
Kris Van Assche: O design surgiu como uma evolução natural do meu trabalho; cuidar da forma como você se veste e da forma como você vive andam de mãos dadas. Continuo sendo o mesmo designer, apenas os materiais mudam. Tenho interesse pela produção francesa de meados do século XX desde sempre, e foi assim que conheci François Laffanour. Tivemos um pequeno projeto colaborativo quando eu estava na Dior, envolvendo as lanternas de Noguchi, e outro durante o período em que estive na Berluti. Revestimos móveis de Pierre Jeanneret com couros patinados. Nossa relação vem de muito tempo. Há cerca de dois anos, François sugeriu que eu criasse peças próprias para a galeria.

RB: Você acredita que tanto a moda quanto o design são formas de tornar a vida mais bonita e interessante?
KVA: É assim que encaro ambos. Há sempre uma ideia de "beleza do velho mundo" em tudo o que faço. Não estou dizendo que as coisas eram melhores antes, não sou particularmente nostálgico, mas me fascina o esforço que as pessoas pareciam fazer antigamente: arrumar-se, preparar mesas bonitas. Essa ideia de se dedicar a alguém, ou a si mesmo, me atrai.





Com a Serax, KRIS VAN ASSCHE lançou a coleção de vasos The Josephine, em homenagem à sua avó.

Fotos: Divulgação.



Fotos: @dfphoto.



DESIGNER – KRIS VAN ASSCHE

RB: Durante a sua formação, sentiu que havia um incentivo para cruzar fronteiras entre arte, moda e design?
KVA: O mais interessante era que nossas aulas de moda aconteciam ao lado de todas as outras áreas artísticas, como escultura, pintura e fotografia. Esse ambiente era naturalmente estimulante. Dito isso, me formei há bastante tempo; acredito que essas interseções sejam uma evolução relativamente recente.

RB: Você tem um papel importante na transformação do guarda-roupa masculino contemporâneo. Ao deixar as *maisons*, que tipo de desafio procurava?
KVA: Depois da Berluti, passei um ano inteiro trabalhando no meu livro, Kris Van Assche – 55 Collections [Lannoo, 2023]. Estava feliz por fazer uma pausa após quase 20 anos vivendo em uma montanha-russa. Em um mundo tão confuso, eu buscava mensagens claras, marcas com um ponto de vista muito definido. Não estava cansado de trabalhar, mas queria trabalhar de outra forma, voltar a ser desafiado. O que mais amo no meu trabalho é colaborar com artesãos, e tive muita sorte: a Dior tem os melhores alfaiates do mundo, e a Berluti possui um extraordinário *savoir-faire* em couro. Mas eu queria algo diferente. Foi assim que acabei desenhando vasos para a Serax e peças em bronze para a Downtown Gallery, em Paris. Esses materiais trazem novas possibilidades, limitações e oportunidades de aprender.

RB: Houve um momento de reflexão, de questionar sua linguagem pessoal e conectar os diferentes capítulos da sua trajetória?
KVA: O livro certamente me ajudou a entender melhor quem sou como designer. A intensidade desses trabalhos nunca deixava muito espaço para reflexão. Minha marca, a Dior e a Berluti são universos muito diferentes, com formas de trabalho distintas, e para mim era difícil entender o que gostaria de fazer em seguida. Graças ao livro, compreendi que sou sempre o mesmo designer, apenas trabalhando com ferramentas diferentes – mesmo quando faço vasos ou peças em bronze. Isso tirou um peso enorme dos meus ombros.

RB: E com a Fred Perry? O que muda nesse tipo de colaboração?
KVA: Foi revigorante trabalhar em uma coleção menor, condensando a mensagem em apenas 13 peças. Tudo precisava estar absolutamente certo. Essa coleção me parece a mais próxima do que faria em uma marca própria, embora seja, obviamente, muito Fred Perry também. É assim que as colaborações deveriam funcionar: o encontro de dois universos sustentado por estima e respeito mútuos. Acho, sim, que essas coleções menores e mais precisas são um bom formato para o contexto atual.

RB: Como foi lançar a coleção Joséphine com a Serax? Era uma homenagem à sua avó, certo?
KVA: Não se trata de uma releitura literal de objetos que ela possuía, apreciava ou que herdei dela. Minha avó queria tornar tudo na vida o mais estético possível. Ela estava sempre elegante; a mesa sempre decorada com flores. Quando eu era criança, ela me desafiava a criar os arranjos florais para os jantares. Nos vasos Joséphine, faço referência a uma estética do passado e a transformo em algo novo. Ao utilizar materiais inesperados ou dar uma base perfeitamente quadrada a todos os desenhos, formas reconhecíveis podem ser vistas sob uma nova perspectiva. Existe também um aspecto prático: projetei um tubo de vidro prateado no qual cabe uma única flor – gosto da maneira como apenas uma flor pode ocupar todo o vaso. Essa ideia evoluiu para uma tulipa de vidro soprada à mão, que completa a coleção. Assim como na moda, tudo começa pela forma e pelos materiais. E, como no meu trabalho como estilista, gosto da tensão criada pela mistura de referências opostas. De um lado, há a porcelana prateada e o mármore, com sua conotação burguesa; do outro, o brutalismo do concreto. Haussmann versus Le Corbusier. Há o elemento ornamentado da bombonière, mas também uma garrafa de cerveja reinterpretada. Feminino versus masculino.





Fotos: Divulgação.

No alto, vaso e bombonière da coleção The Josephine. Acima, peças da série Rosamar, também criada para a Serax.

RB: Sua coleção seguinte, Rosamar, para a Serax, está ligada às suas férias na infância. Como essas memórias se transformaram em objetos?
KVA: Quando criança, eu passava todos os verões em um pequeno vilarejo espanhol chamado Rosamar. Adorava aquele lugar e o fato de reencontrar os mesmos amigos ano após ano. No fim das férias, minha mãe sempre fazia questão de comprar um vaso de cerâmica típico, com esmaltação escorrida. Temos dezenas deles na casa dos meus pais. Essa coleção nasce dessa lembrança, mas sua realização é muito mais contemporânea: a cerâmica foi desenvolvida para parecer concreto, enquanto o esmalte aparece como um bloco de cor preciso e gráfico. A base quadrada, incomum, rompe com o processo tradicional da cerâmica torneada.

RB: Como foi estrear na Milan Design Week?
KVA: Foi um enorme prazer e uma honra receber o convite da Fondazione Sozzani. A Semana de Design de Milão é gigantesca, maior até do que a semana de moda da cidade, portanto foi uma oportunidade extraordinária. A reação foi excelente. Estou feliz e sinto muito menos pressão do que sentia quando trabalhava em coleções de moda.

RB: E por que vasos? Isso tem relação com seu amor por flores?
KVA: Sempre digo que, se não tivesse me tornado estilista, provavelmente teria sido florista. As coleções para a Serax e as peças de bronze são o resultado de 30 anos comprando flores. Faço isso desde que comecei a ter dinheiro no bolso. Elas possuem volumes e alturas muito diferentes e exigem formatos variados de vasos. Muitas das minhas coleções de moda começaram com uma lista pessoal de desejos: determinados volumes ou uma modelagem específica de ombro que eu procurava e não encontrava. Com os vasos acontece exatamente o mesmo. Muitas flores que cortei acabaram em garrafas de cerveja. Agora, na coleção Joséphine, tenho uma garrafa de cerveja soprada à mão e reinterpretada.

RB: Na colaboração com François Laffanour já existia um interesse prévio pelo bronze?
KVA: Na verdade, foi François quem sugeriu que eu considerasse trabalhar com bronze. Ele me convidou para visitar uma fundição no leste da França, e fiquei imediatamente fascinado pelo ofício. Queria compreender o processo e comecei a me perguntar o que poderia criar. Gosto do fato de o bronze carregar uma conotação um pouco antiquada. Sempre me atrai o desafio de pegar algo antigo e torná-lo relevante novamente.

RB: No caso de Nectar Vessels Bronzes, como você define essas esculturas?
KVA: Penso nessas esculturas como vasos que não precisam de flores; eles próprios se tornam flores. Elas possuem uma cor no exterior e outra contrastante no interior, o que atrai as abelhas para o néctar. Nos meus vasos, o interior é polido, e um verniz colorido contrasta com o brilho dourado do bronze. Os visitantes são imediatamente atraídos para o interior das peças, visível pelas aberturas laterais. Foi por isso que escolhi o nome Nectar Vessels. São 14 modelos ao todo, oito exemplares de cada. Naturalmente existe um molde de fundição, mas muito trabalho manual é realizado posteriormente. Todo o processo levou cerca de dois anos.

RB: É impossível não falar de artesanato. Como é trabalhar com técnicas como a fundição, em um ritmo tão diferente daquele exigido pela moda?
KVA: Ao mesmo tempo em que é extremamente diferente, é muito parecido. No fim das contas, trata-se de forma, proporção, material, técnica e, claro, de uma boa ideia inicial. Precisei incentivar os artesãos a fazer novas técnicas e acabamentos. Mas isso não é tão distinto de discutir uma nova construção de ombro para um paletó com um alfaiate especializado.

RB: Você acredita que a beleza, seja por meio da moda ou do design, pode ser uma forma de resistência?
KVA: No mundo atual, a beleza é uma forma de rebeldia, de resistência. A moda, o design e até mesmo as flores tornam-se um ato intencional. Minha moda nunca foi sobre extravagância, e meu design também não é. Meu objetivo é elevar a vida cotidiana e trazer significado ao ordinário. Sou designer, não estou salvando vidas, mas considero que o meu trabalho é tornar a vida mais bela.



Foto: Divulgação.





Fotos: Alasdair McLellan

Trompe l'oeil, flores e alfaiataria: referências de VAN ASSCHE na coleção para a Fred Perry.